


Machado de Assis viralizou nos Estados Unidos: um debate sobre o Brasil outrificado


Machado de Assis went viral in the United States: a debate about the othered Brazil

Machado de Assis se ha vuelto viral en Estados Unidos: un debate sobre el Brasil alterizado

Ana Karla Canarinos¹

 <https://orcid.org/0000-0002-1999-7213>

Wagner Monteiro Pereira²

 <https://orcid.org/0000-0002-2884-9167>

RESUMO: Este artigo tem como objetivo problematizar a falsa positividade na divulgação da literatura brasileira no exterior através de canais de redes sociais, tendo como ponto de partida o vídeo publicado por Courtney Henning Novak, após ler *Memórias póstumas de Brás Cubas*. A pergunta que lançamos é a seguinte: até que ponto a literatura brasileira e a língua portuguesa estão sendo de fato recuperadas a partir de divulgações em redes sociais? Ou ainda: qual a importância da chancela acadêmica e institucional na validação de obras literárias de escritores brasileiros? Pretendemos, deste modo, verificar brevemente o cenário da literatura brasileira e do ensino de português no exterior – especialmente nos Estados Unidos (Gonçalves, 2012) – e até que ponto sua recepção não aponta para um olhar outrificado, exotificado (Seligmann-Silva, 2022; Spivak, 2021). Finalmente, como a viralização de determinadas obras não modifica o sistema, essencialmente excludente, cuja base está em uma suposta recuperação do *Outro*, cujo lócus é, em geral, um país de modernização tardia.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis; Brasil; Outrificação.

ABSTRACT: This article aims to problematize the false positivity surrounding the promotion of Brazilian literature abroad through social media channels, taking the video published by Courtney Henning Novak after reading *The Posthumous Memoirs of Brás Cubas* as a starting point. We pose the following questions: To what extent do social media campaigns genuinely contribute to the revitalization of Brazilian literature and the Portuguese language? What role do academic and institutional endorsements have play in validating literary works by Brazilian writers? We intend, therefore, to briefly verify the scenario of Brazilian literature abroad - especially in the United States (Gonçalves, 2012) - and to what extent its reception

¹ Doutora em Teoria Literária (UNICAMP). Professora Adjunta de Literatura Brasileira na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: anakarla.canarinos@gmail.com

² Doutor em Letras (UFPR). Professor adjunto de língua e literatura espanhola na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). E-mail: wagner.hispanista@gmail.com.

does not point to an otherified, exoticized perspective (Seligmann-Silva, 2022; Spivak, 2021). Finally, we argue that the viralization of specific works does not change an essentially exclusionary system, based in a supposed recovery of the Other, whose locus is generally a country of late modernization.

KEYWORDS: Machado de Assis; Brazil; Otherification.

RESUMEN: Este artículo se propone problematizar la falsa positividad presente en la promoción de la literatura brasileña en el extranjero a través de las redes sociales, tomando como punto de partida el video publicado por Courtney Henning Novak tras la lectura de *Memorias póstumas de Blas Cubas*. La pregunta central que planteamos es: ¿hasta qué punto la literatura brasileña y la lengua portuguesa están siendo de hecho rescatadas por medio de divulgaciones en las redes sociales? O mejor aún: ¿cuál la importancia del respaldo académico e institucional en la validación de las obras literarias de escritores brasileños? Pretendemos, así, analizar brevemente la recepción de la literatura brasileña en el extranjero - especialmente en los Estados Unidos (Gonçalves, 2012) - y hasta qué punto eso no representa una mirada otrificada y exoticizada (Seligmann-Silva, 2022; Spivak, 2021). Finalmente, reflexionemos sobre cómo la viralización de determinadas obras no modifica el sistema, esencialmente excluyente, basado en una supuesta recuperación del *Otro*, cuyo locus suele situarse en países de modernización tardía.

PALABRAS CLAVE: Machado de Assis; Brasil; Otrificación.

Introdução: por que Machado de Assis viralizou?

Em maio de 2024, ao abrirmos nossas redes sociais e buscarmos por notícias novas, na grande mídia, nos deparamos com a notícia de que Courtney Henning Novak havia indicado a leitura de *Memórias póstumas de Brás Cubas* (Assis, 1881), de Machado de Assis, visto por ela como o melhor livro já escrito (Soares, 2024) Interessante o fato de que a escolha do cineasta Woody Allen, em 2011, de *Memórias póstumas* como um de seus romances favoritos (Woody [...], 2011) não tenha tido uma repercussão como a do vídeo de Courtney Henning Novak, especialmente pelo espaço em que a entrevista de Allen circulou. A influencer americana não parou por aí. Em junho do mesmo ano, Novak discutiu com seus seguidores se Capitu teria traído ou não Bentinho, após ler a tradução ao inglês de *Dom Casmurro* (Dias, 2024).

Entre as diversas razões que podemos lançar mão como hipótese para a repercussão dos vídeos de Novak está o fato de que suas críticas foram publicadas no *TikTok*, rede social com enorme influência na década de 2020, especialmente entre o público jovem. Como se pode imaginar, houve muita repercussão dos vídeos

tanto entre o público em geral, como entre os acadêmicos da área de Letras (Boechat, 2024). Com essa acolhida, veio uma “recuperação” de Machado de Assis em pleno solo brasileiro, com novos leitores que “descobriram” por uma influencer americana a existência de dois dos maiores clássicos da literatura brasileira, e obras obrigatórias em diversos currículos estaduais do Ensino Médio brasileiro. Mas até que ponto Machado de Assis foi, de fato, recuperado? E qual o papel dessa “recuperação” realizada por uma influencer nos Estados Unidos, que projeta, inevitavelmente, uma relação Norte-Sul?

Nesse sentido, para responder às perguntas lançadas no final do parágrafo anterior, é fundamental discutir o cenário da língua portuguesa e da literatura brasileira no âmbito internacional e como, em um contexto globalizado, a literatura e a língua de países de modernização tardia conseguem mover-se e projetar-se.

Em *Pode o subalterno falar?* Spivak (2021, p. 29), ao analisar o lugar do sujeito na lógica capitalista e os problemas que surgem na relação entre o Norte e o Sul, pergunta: “Por que tais oclusões deveriam ser aprovadas precisamente por aqueles intelectuais que são nossos melhores profetas da heterogeneidade e do Outro?” A fala de Spivak explicita alguns pontos que nos interessam: “aprovação”, “intelectuais”, “heterogeneidade” e “Outro”. Com efeito, os países de modernização tardia, ao longo do século XX e nas primeiras décadas do XXI, vêm recebendo a atenção e o olhar do Norte global, em um contexto de migração e globalização que não permite o apagamento dos países pobres. No entanto, essa suposta recuperação vem acompanhada de um argumento de autoridade daquele que recupera e de um desejo de manutenção do *Status quo*, forjado através da preservação de um “Eu” canônico versus o “Outro”, exótico.

O “Outro” não tem direito à voz, é sempre representado pelo “Eu”, que seleciona seu discurso e dá voz ao que lhe parece pertinente. É como se o Outro não tivesse subjetividade e inteligência suficiente para teorizar sobre sua própria condição ou sua própria produção cultural:

Se este é, de fato, o argumento de Deleuze, sua articulação é problemática. Dois sentidos do termo “representação” são agrupados: a representação como “falar por”, como ocorre na política, e representação como “re-presentação”, como aparece na arte ou na filosofia. Como a teoria é

também apenas uma “ação”, o teórico não representa (fala por) o grupo oprimido. De fato, o sujeito não é visto como uma consciência representativa (uma consciência que “re-presenta” a realidade adequadamente) (Spivak, 2021, p. 39).

Portanto, reconhecer a diferença e exercitar a tolerância com o “outro” pode produzir efeitos contraditórios nessa ética do respeito. Marcio Seligmann-Silva (2022, p. 27) em *Passagem para o Outro como tarefa* reflete sobre a noção de alteridade, tendo em vista a relação que se forja entre o Norte e o Sul naquilo que o autor denomina movimento de “autoafirmação cultural”, que consiste na necessidade de afirmação do “próprio”, do “específico”, e, por outro lado, o momento de afirmação da universalidade da cultura.” Como destaca o teórico, o “próprio” necessita ao mesmo tempo da diferença e da identidade com o outro. Como afirma Derrida (2001, p. 27):

A nossa questão é sempre a identidade. O que é a identidade, conceito de que a transparente identidade a si é sempre dogmaticamente pressuposta por tantos debates sobre o monoculturalismo ou sobre o multiculturalismo, sobre a nacionalidade, a cidadania, a pertença em geral?

Trata-se da inclusão que preserva a diferença ou da “exclusão inclusiva”. Com efeito, o fortalecimento da imagem daquilo que é canônico e central precisa ser afirmado culturalmente por meio de uma inclusão que é paradoxalmente exclusiva. No caso da suposta recuperação de Machado nos Estados Unidos, ou melhor, de uma suposta descoberta, é relevante pensarmos que *Memórias póstumas de Brás Cubas* foi traduzido ao inglês pela primeira vez em 1951, por William Grosmann, em uma impressão no Brasil. No ano seguinte, o romance chegaria aos Estados Unidos com a mesma tradução, mas com o título de *Epitaph of a Small Winner*, como afirma Hélio de Seixas Guimarães (2023). Nos anos seguintes, sairiam as traduções de *Dom Casmurro* e *Quincas Borba* também ao inglês, isso apenas tendo em vista o contexto anglófono. Fitzgibbon (2012, p. 214) destaca também a importância de Gerrit de Jong Jr. como pioneiro no ensino de português nos Estados Unidos e na divulgação da cultura brasileira:

O fascínio de Jong pelo português continuou por muitas décadas e, nos anos sessenta, ele publicou duas edições de *O nosso próprio livro de leituras*, uma coletânea de contos, artigos e poesia em português, destacando-se obras de Machado de Assis, Joaquim Nabuco e Olavo Bilac.

Isso demonstra como a obra de Machado já circula nos Estados Unidos há muito tempo, mas o fato de fazer parte do currículo de qualquer curso de Literatura Brasileira oitocentista em uma universidade americana não produziu o mesmo efeito que a publicização nas redes sociais de uma influencer de livros. Ora, sabemos da força que as redes sociais mantêm no século XXI e como influenciam hábitos de todos os tipos, inclusive os de leitura. Entretanto, é interessante perceber que mesmo o público acadêmico, e não apenas dos Estados Unidos, como também do Brasil, quis ler Machado a partir dessa indicação nas redes sociais.

No vídeo viralizado de Courtney Henning Novak³, chama a atenção a constituição do sujeito colonial como Outro, como define Spivak, especialmente nesse trecho: “Estou lendo este livro para o Brasil, para o projeto ‘Leitura para o mundo’, em ordem alfabética. E agora, o que eu vou fazer? Por que nunca me avisaram que este era o melhor livro do mundo? [...] Agora tenho que aprender português. Muito obrigada” (Memórias [...], 2024). A recuperação se dá por meio de um projeto, cujo objetivo é ler ao menos um romance de um país diferente (Novak, [2025]).

Aqui entramos em dois polos centrais para o nosso pensamento: hegemonia e dominação. Como afirma Seligmann-Silva (2022, p. 35), ao concebermos a tradução – e aqui estamos pensando especificamente na tradução cultural – como uma modalidade de relação com o “outro”, “ela pode e deve ser pensada e praticada contra a violência neocolonial e não, como ocorre frequentemente, no sentido de se reproduzir essa violência.” Uma possível solução para combater a violência neocolonial se dá através da desoutrização, ou tradução como método de *Disothering*, seguindo as palavras de Márcio Seligmann-Silva (2022, p. 35), deslocando o “outro” da categoria do estranho, “do sem-casa, do sem-subjetividade, condenado ao desabrigo existencial”. Nesse sentido, a atuação do pesquisador não

³ <https://www.youtube.com/watch?v=0CWgLBI3P3o>

apenas na seleção, mas também na concepção de diferentes formas de paratexto mantêm um papel central no processo de desoutrificação.

Na próxima seção apresentaremos brevemente o cenário do ensino de língua portuguesa nos Estados Unidos, tentando situar a suposta recuperação de Machado no cenário de ensino e aprendizagem da língua portuguesa naquele país.

O cenário da língua portuguesa nos Estados Unidos

O protagonismo do Brasil no cenário econômico mundial aumentou nas últimas décadas. Os negócios entre o nosso país, a China, os Estados Unidos e a Europa proporcionaram um incremento no número de interessados em aprender a língua portuguesa. Não em vão, diversas universidades dos Estados Unidos mantêm departamentos de *Spanish and Portuguese*, numa clara demonstração de atrair alunos interessados em temas não apenas da Espanha e da América Hispânica, como de Portugal, do Brasil e de países africanos de língua portuguesa. Bastos e Hanna (2012) afirmam que há outro complicador no ensino de português nas universidades estadunidenses: a tradição de autonomia no currículo, que muitas vezes produz uma não continuidade na aprendizagem de uma língua estrangeira como o português. Do mesmo modo, o ensino de português ainda é fortemente vinculado aos Centros de Estudos Latino-americanos. Se por um lado o ensino de português se beneficia desses centros, por outro, universidades sem um centro latino-americano forte de pesquisa acaba por não abarcar a língua portuguesa como língua a ser ensinada.

Além da questão econômica, destaca-se o fluxo migratório de brasileiros nos Estados Unidos. O governo federal afirma que, atualmente, vivem em solo estadunidense 1,9 milhão de brasileiros (Brasil, 2024). E há ainda o consumo de capital cultural. Há décadas as novelas e a música brasileiras ganham mais admiradores e, claro, consumidores.

A associação de Línguas Modernas elaborou um mapa baseado nos resultados do censo demográfico de 2005, e identificou três grandes áreas onde se concentram as comunidades de falantes de português: no nordeste

dos Estados Unidos, na Flórida, e neste caso a comunidade de falantes é composta principalmente por cidadãos brasileiros [...] (Gonçalves, 2012, p. 43).

Guth, Primo e Amaral (2022) afirmam, no entanto, que os cursos de língua portuguesa enfrentam diversos desafios no contexto estadunidense, desde a baixa variedade de materiais didáticos e a falta de professores capacitados na área e a adoção de abordagens de ensino que seguem paradigmas ultrapassados.

Esses dados também se unem aos diferentes pesos das línguas no mercado das línguas (Oliveira, 2010, 2013 *apud* Guth; Primo; Amaral, 2022, p. 2), ao lugar político do português no mundo globalizado atual e às diversas políticas linguísticas que atribuem status diversos ao português nos Estados Unidos, como sendo uma linguagem menos comumente ensinada (LMCE), uma língua crítica e uma língua mundial (Guth; Primo; Amaral, 2022, p. 2).

Os autores sinalizam os diferentes pesos nos mercados de línguas para sublinhar como o ensino de língua portuguesa sofre com a pequena quantidade de materiais de ensino, diferentemente do que acontece com o francês, o espanhol e, principalmente, com o inglês. O governo estadunidense aprovou em 2006 um pacote de incentivo aos estudos de línguas consideradas por ele estratégicas. O documento mais importante, nesse sentido, foi o relatório intitulado “*Foreign Languages and Higher Education: New Structures for a Changed World*”, elaborado pela Associação de Línguas Modernas. “Este relatório defende claramente que ensinar língua é ensinar a cultura de um povo, ou povos” e vai mais longe, ao dizer que “O ensino de línguas tem que incluir desde o início o ensino de cultura, e os cursos avançados têm que incluir os componentes de língua – em níveis cada vez mais avançados e complexos” (Gonçalves, 2012, p. 48).

O ensino de português, no entanto, não recebeu, ainda, a atenção devida, tendo em vista a enorme população de imigrantes nos Estados Unidos. A exceção, segundo Gonçalves (2012), se dá com a iniciativa da Universidade do Texas, que há anos desenvolve iniciativas inovadoras na produção de novos recursos digitais para o ensino de português como língua estrangeira. Essa iniciativa tem como título “Tá

falado: *Brazilian Portuguese Pronunciation for Speakers of Spanish*⁴ e apresenta diversos materiais auditivos com foco na pronúncia do português brasileiro. Vale ressaltar, no entanto, que as atividades desenvolvem estratégias de aprendizagem por meio do contraste entre o português e o espanhol, com foco em estudantes que aprenderam primeiramente o espanhol e que desejam seguir os estudos no português.

Bastos e Hanna (2012) também destacam o “*Center for Latin American and Caribbean Studies (CLACS)*”, do *Watson Institute da Brown University*, que “[...] além dos cursos de graduação com concentração na América Latina, oferece, na área de *Portuguese and Brazilian Studies*, a cadeira de PLE básico e adiantado. [...] (Bastos; Hanna, 2012, p. 201). Esse programa oferecido pelo CLACS mantém uma programação multidisciplinar, “[...] com ênfase em literatura, história, antropologia, política” (Bastos; Hanna, 2012, p. 202-203).

Problemas como relacionamento racial, identidade nacional e etnicidade também são discutidos junto a reflexões sobre similaridades e diferenças percebidas nas artes, no teatro, na literatura, na poesia, elementos imprescindíveis no desenvolvimento linguístico e cultural.

A partir do cenário da língua portuguesa nos Estados Unidos que traçamos brevemente, nos interessa, na próxima seção, refletir sobre a ideia de literatura brasileira no exterior. Isto é: há uma literatura brasileira *para inglês ver*? Ou ainda, qual a imagem do Brasil que é consumida no exterior.

Literatura brasileira *para inglês ver*

A questão em torno da origem ou da formação da literatura brasileira já foi elaborada a partir de distintas narrativas: a de Silvio Romero, a de José Veríssimo, a de Afrânio Coutinho e a de Antonio Candido, para citar alguns dos principais historiadores da literatura brasileira. Na historiografia de Candido (1959), *Formação da literatura brasileira*, Machado de Assis ocupa um lugar privilegiado, uma vez que

⁴ A página encontra-se on-line e pode ser acessada neste link: <https://www.coerll.utexas.edu/brazilpod/tafalado/>

ele teria sido o responsável por consolidar o sistema literário. As consequências da consolidação do processo formativo seriam o equilíbrio entre matéria local e forma europeia, cujo maior exemplo é a publicação de *Memórias póstumas de Brás Cubas*.

Com efeito, Machado de Assis é considerado o primeiro autor a conseguir uma relativa autonomia da literatura brasileira. Em *Um mestre na periferia do capitalismo*, Roberto Schwarz (2000, p. 9) afirma: “Em que consiste a força do romance machadiano da grande fase? [...] Que pensar do imenso desnível entre as *Memórias póstumas de Brás Cubas* e a nossa ficção anterior, incluídas aí as obras iniciais do mesmo Machado de Assis?”. Ou seja, o país é malformado e a forma do Realismo europeu - dada a sua infraestrutura pautada na ideologia liberal - está fora de lugar na sociedade escravocrata oitocentista. De acordo com Schwarz (2000, p. 9), é no desvio do realismo que Machado logrou a “feição específica” de nossas elites, ou seja, alcançou uma representação verossímil e, finalmente, realista. A ficção anterior, em contrapartida, seria uma cópia mal formulada da literatura europeia. Schwarz reconhece a força de Machado ao desvincular-se, relativamente, das formas europeias, algo inédito na tradição literária brasileira. Ao romper com o realismo europeu e criar um realismo nacional, o romance deixaria de ser simplesmente brasileiro para tornar-se também universal.

Leyla Perrone-Moisés (2007, p. 36), em *Vira e Mexe nacionalismo: paradoxos do nacionalismo literário*, assinala como o principal paradoxo do nacionalismo é a ênfase no “[...] localismo e no provincianismo, embora o objetivo maior seja provar o valor universal dessa particularidade”, ou seja, a contradição encontra-se em atribuir às características exóticas e de país novo um caráter universal. Da mesma forma, Candido formula o paradoxo nacionalista a partir de uma ambiguidade fundamental: “[...] a de sermos um povo latino, de herança cultural europeia, mas etnicamente mestiço, situado no trópico, influenciado por culturas primitivas, ameríndias e africanas” (Candido, 2000, p. 119). O paradoxo, para Roberto Schwarz (1977), no célebre ensaio “As ideias fora do lugar”, se dá a partir da noção de descompasso ideológico entre a realidade brasileira e a realidade estrangeira em que a “lógica do favor” representada na literatura brasileira funciona como o exemplo primordial do desajuste. Ou seja, em níveis distintos, os três autores destacam o desequilíbrio

existente entre a matéria local e as formas importadas, uma questão que permanece não resolvida mesmo pela literatura contemporânea.

Segundo Leyla Perrone-Moisés (2007, p. 35), esse paradoxo, ou essa busca pela universalidade a partir da particularidade, desemboca num “[...] auto-reconhecimento de seu caráter atrasado e subdesenvolvido, nos sentidos biológicos, econômico e cultural do termo”. De acordo com Candido (2000, p. 120), o Modernismo é o momento crucial em que esse sentimento de inferioridade diante da metrópole assume uma conotação diferente: “O Modernismo rompe com este estado de coisas. As nossas deficiências, supostas ou reais, são reinterpretadas como superioridades”. Se Machado foi responsável por formar o sistema literário nacional, o modernismo teria sido o outro momento decisivo da tradição literária brasileira por reverter a ideia de que o particular era sinônimo de atraso.

Sob este aspecto, a marginalização da literatura brasileira do cânone ocidental é uma angústia para os críticos literários nacionais. As diferentes narrativas sobre o Brasil coincidem ao detectar o problema da importação das formas e da ausência de público leitor, tanto no contexto nacional quanto no contexto internacional. Teóricos europeus como Pierre Bourdieu e Pascale Casanova refletem sobre o problema das literaturas produzidas na periferia do capitalismo, sobretudo em torno do conceito de autonomia.

Para conquistar um espaço na República Mundial das Letras (Casanova, 2002)⁵ e o status de autonomia (Chagas, 2015)⁶ é necessário a autorreferência à própria tradição nacional. Nessa perspectiva, Pierre Bourdieu, em seu texto “Mercado de bens simbólicos” (Bourdieu, 2011), explica a lógica do processo de autonomização da arte no contexto europeu. Um dos pressupostos, para que haja essa autonomização, é o processo de libertação progressiva, tanto econômica, como social, do comando da aristocracia e da Igreja. Esse processo se deu em meio a uma série de outras transformações, como a constituição de um público de consumidores virtuais cada vez mais extenso, a constituição de um corpo cada vez

⁵ Expressão que intitula a obra de Pascale Casanova (2002), *A República Mundial das Letras*.

⁶ Segundo Pedro Ramos Dolabela Chagas (2015, p. 196), no artigo “História contextual da autonomia: o caso latino americano” a autonomia é um conceito em grande medida ideal – isto é, que serve como ponto de fuga, influenciando a produção e recepção, todavia inatingível na totalidade de suas consequências.

mais numeroso de produtores e empresários de bens simbólicos e a multiplicação e diversificação de instâncias de difusão intelectual e da academia. O público é um fator de extrema importância para a produção de bens simbólicos. Se por um lado, é importante a formação de um grupo de leitores para a conquista da autonomia, por outro, ele não pode ser constituído pelo grande público.

Bourdieu diferencia dois tipos de campos de produção e de circulação de bens simbólicos. O primeiro é o campo de produção erudita “[...] enquanto sistema que produz bens culturais objetivamente destinados a um público de produtores de bens culturais” (Bourdieu, 2011, p. 105), e o segundo o “[...] campo da indústria cultural especialmente organizado com vistas à produção de bens culturais destinados a não-produtores de bens culturais” (Bourdieu, 2011, p. 105). Tendo em vista o papel fundamental que a formação de um público consumidor de bens culturais exerce para a conquista da autonomia, no contexto brasileiro, o público restrito sempre se configurou como um problema desde o Arcadismo até os fins do século XIX. Antonio Candido (2000) em “O Escritor e o Público”, afirma que desde o Romantismo, a independência, o nacionalismo e o novo papel do escritor no interior desse contexto histórico foram fundamentais para a formação de um “público de auditores” (Candido, 2000, p. 81) que, segundo o crítico, permanece por todo o século XIX. Essa tradição de auditores é consequência de um público já mais amplo, porém não afeito à leitura e muito pouco sofisticado em suas demandas culturais e literárias. No Brasil, a literatura ainda transitava por uma espécie de “[...] público restrito e caloroso, que produzia simultaneamente literatura, assegurando a esta (o que não era frequente na época) circulação e apreciação” (Candido, 2012, p. 52).

Dentro dessa perspectiva, dos aspectos necessários para a formação de bens simbólicos desenvolvida por Bourdieu, Pascale Casanova, no primeiro capítulo do livro *República Mundial das Letras*, “O mundo literário”, trata da existência de um “mercado mundial de bens intelectuais”. Esse mercado engendra valores econômicos próprios da literatura, quer dizer, algumas obras valem inseparavelmente por sua produção propriamente literária e também pelas análises vigorosas que fornecem sobre si mesmas e sobre o universo literário no qual se

situam⁷. Nesse sentido, Paris é considerada a cidade-literatura, o centro e a detentora dos recursos literários. Segundo a autora, Paris é como o “banco universal dos câmbios e intercâmbios literários” (Casanova, 2002, p. 40) e a constituição e o reconhecimento universal desta capital literária surgem a partir de um movimento duplo: a crença em sua universalidade e nos efeitos reais que essa crença produz. Um dos efeitos foi a forte influência sobre os países subdesenvolvidos, em que o Brasil é um exemplo primordial da influência francesa na literatura.

Segundo Pascale Casanova, *Macunaíma* é uma obra com grande índice de autonomia, pois mistura os elementos nacionais, tão importantes para os autores do século XIX, não se propondo apenas a traçar o retrato documental do Brasil. “A partir de dados etnológicos, linguísticos, geográficos, de leituras e de referências eruditas, pela acumulação de um material ainda disperso, destinado a fornecer os fundamentos de uma cultura propriamente brasileira” (Casanova, 2002, p. 347). Sob esta perspectiva, para Pascale Casanova, Mário de Andrade desenvolve um trabalho fortemente estético, de certa forma artificial e, em grande medida, autônomo. Nesse sentido, essa autonomia é garantida pelo lugar exclusivamente literário que Mário de Andrade tenta criar e pela ironia que se dirige tanto à tradição quanto à própria literatura, marcada pelo distanciamento ficcional.

Para evitar o realismo (e portanto as divisões) regionalistas, situa no sul as lendas do norte, mistura expressões de gaúchos a estilos nordestinos, transplanta animais e vegetais. Mas, simultaneamente, inventa uma postura dupla muito refinada: enquanto reúne e enobrece explicitamente um patrimônio cultural até então monopolizado pela etnologia, adota um tom irônico e paródico que, em um modo literário, denega e sabotava os fundamentos do empreendimento (Casanova, 2002, p. 348).

Sob esse aspecto, o artigo “O instinto de nacionalidade”, de Machado de Assis (1873), poderia ser analisado como um primeiro índice de autonomia na

⁷ Dentro dessa teoria, o papel de crítico será de extrema importância. Segundo Bourdieu, “[...] o campo de produção erudita somente se constitui como sistema de produção que produz objetivamente apenas para os produtores através de uma ruptura com o público dos não-produtores, ou seja, com as frações não-intelectuais das classes dominantes [...] Neste sentido, os progressos dos campos de produção erudita em direção à autonomia caracterizam-se pela tendência cada vez mais marcada da crítica de atribuir a si mesma a tarefa, não mais de produzir os instrumentos de apropriação que a obra exige de modo cada vez mais imperativo na medida em que se distancia do público, mas de fornecer uma interpretação “criativa” para uso dos “criadores” (Bourdieu, 2011, p. 105-107).

literatura brasileira, ainda no século XIX. O autor já assume a não obrigatoriedade da literatura brasileira em trabalhar com questões nacionais, sobrepondo nesse sentido uma justificativa literária à uma justificativa nacional. Em alguma medida, Pascale justifica a importância do distanciamento do particular através da ironia e da autocrítica como um elemento que pode proporcionar a universalidade, como é o caso de Mário de Andrade, Machado de Assis e poderíamos acrescentar Clarice Lispector e Guimarães Rosa.

Entretanto, se Pascale aponta a importância da ironia quanto à tradição e quanto à própria instituição “literatura”, ela também defende a universalidade enquanto uma crença que é compactuada pelos países marginais. Os países centrais tornam-se universais justamente pela convicção que os países na periferia do capitalismo têm de sua suposta universalidade. Desde o fim da Segunda Guerra Mundial, os Estados Unidos ganharam uma força econômica e de bens simbólicos, e essa transferência do francês para o inglês gerou a necessidade do reconhecimento dos países marginalizados pelos países norte-americanos. O caso de Machado de Assis, lido e comentado no *TikTok* de uma americana, e o efeito que isso teve na recepção do autor dentro do próprio país aponta para a força que o centro ainda tem na periferia. A leitura de Machado veio menos por sua força literária, mas pela validação de um leitor americano.

Sob este aspecto, Franco Moretti, em “Conjeturas sobre a Literatura Mundial”, ao pensar a respeito da existência de uma Literatura Universal, afirma que esse sistema é uno e desigual pois, segundo o autor, é formado a partir de um centro e de uma periferia. “Isso é o que significa una e desigual: o destino de uma cultura (geralmente uma cultura da periferia) é cortado e alterado por outra cultura (do centro) que a ignora completamente” (Moretti, 2001, p. 52).

Com a emergência dos *cultural studies*, os Estados Unidos trouxeram para discussão temas, nações, línguas e sujeitos anteriormente ignorados dentro da geografia da literatura mundial, em que países centrais ignoram completamente países periféricos, ainda que os universais influenciem diretamente as culturas que estão na margem. Em alguma medida, no final do século XX houve um movimento de olhar para os países do Sul Global, como por exemplo via teoria pós-colonial e

decolonial. Entretanto, ainda é produzida uma imagem ocidentalizada das culturas não-ocidentais. O Machado que é lido e comentado é esvaziado de sua força negativa e incorporado ao neoliberalismo empresarial, cujo único interesse é o lucro e a falsa ilusão de divulgação da literatura brasileira do exterior, que não obstante os vídeos no *TikTok*, continua não lida e estudada nos grandes centros de pesquisa.

Considerações finais

A divulgação da literatura brasileira vem ganhando cada vez mais espaço nas redes sociais e nos estudos de literatura comparada, através do aumento do número de pesquisas que analisam literaturas de países periféricos em relação às literaturas dos países centrais. Entretanto, o diagnóstico de Franco Moretti se mantém, uma vez que o sistema uno e desigual, assim como a tentativa de ocidentalizar culturas não-ocidentais ainda é o *modus operandi*. Embora Machado de Assis tenha ganhado um *boom* de vendas depois do vídeo no *TikTok*, não apenas nos Estados Unidos, mas também no Brasil, a imagem da cultura brasileira se manteve, pois o interesse principal não estava na forma do romance brasileiro, mas na incorporação das pautas identitárias e nacionalistas pelo neoliberalismo cujo principal objetivo é viralizar e obter lucro.

Com efeito, o centro do vídeo era precisamente apresentar um simulacro de Brasil, e não de fato compreender o país de Machado de Assis e a particularidade de sua forma. A divulgação leviana da obra literária, comumente realizada pelas redes sociais, outrifica Machado de Assis e o Brasil, de forma que as particularidades são incorporadas e dominadas pela cultura hegemônica, no caso, os Estados Unidos.

Referências

ASSIS, M. *O instinto de nacionalidade*. São Paulo: Agir, 1873.

ASSIS, M. *Memórias póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881.

BASTOS, N.; HANNA, V. 'Bilinguismo, multilinguismo e falantes transnacionais nos EUA: o caso do ensino de português como língua estrangeira'. *In*: LUNA, J. M. F.

(org.). *Ensino de português nos Estados Unidos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012. p. 191-217.

BOECHAT, N. A americana que viralizou Machado de Assis: 'igual Shakespeare'. *Veja*, São Paulo, 18 set. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/veja-gente/a-americana-que-viralizou-machado-de-assis-o-compara-a-shakespeare/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

BOURDIEU, P. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 2011.

BRASIL. Secretaria de Comunicação Social. *Migração: quantos brasileiros vivem no exterior*. Brasília, DF: Secom, 2024. Disponível em: <https://www.gov.br/secom/pt-br/fatos/brasil-contra-fake/noticias/2024/quantos-brasileiros-vivem-no-exterior>. Acesso em: 12 mar. 2025.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2012.

CANDIDO, A. *Formação da literatura brasileira: momentos decisivos*. São Paulo: Todavia, 1959.

CANDIDO, A. *Literatura e sociedade*. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

CASANOVA, P. *A república mundial das letras*. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

CHAGAS, P. R. D. História contextual da autonomia: o caso latino-americano. *Todas as Letras Y*, São Paulo, v. 17, n. 1, p. 194-206, abr. 2015. DOI: <http://dx.doi.org/10.15529/1980-6914/letras.v17n1p194-206>.

DERRIDA, J. *O monolinguismo do outro ou a prótese da origem*. São Paulo: Perspectiva, 2001.

DIAS, A. B. Influencer dos EUA que viralizou com Machado de Assis opina sobre 'Dom Casmurro'. *CNN*, São Paulo, 13 jun. 2024. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/influencer-dos-eua-que-viralizou-com-machado-de-assis-opina-sobre-dom-casmurro/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

FITZGIBBON, V. Brigham Young University: o português presente há mais de 60 anos. In: LUNA, J. M. F. (org.). *Ensino de português nos Estados Unidos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012. p. 18-30.

GONÇALVES, L. O ensino de português como segunda língua nos EUA: desafios antigos e recursos inovadores. In: LUNA, J. M. F. (org.). *Ensino de português nos Estados Unidos*. Jundiaí: Paco Editorial, 2012. p. 120-135.

GUIMARÃES, H. S. A trajetória editorial de Machado de Assis em inglês (1950-1960). *Machado de Assis em Linha*, São Paulo, v. 16, p. 1-20, 2023. DOI: <https://doi.org/10.1590/1983-682120231620pt>.

GUTH, A.; PRIMO, G.; AMARAL, J. O lugar do português nos Estados Unidos: crenças e motivações para o ensino-aprendizagem de PLA em universidades estadunidenses. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 15, n. 1, p. 12-30, jul. 2022. DOI: <https://doi.org/10.15448/1984-4301.2022.1.41043>.

MEMÓRIAS póstumas de Brás Cubas: influenciadora americana viraliza ao ler: 'melhor livro do mundo'. São Paulo: UOL, 2024. 1 vídeo (1min 31s). Publicado pelo canal da UOL. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=0CWgLBI3P3o>. Acesso em: 12 mar. 2025.

MORETTI, F. Conjecturas sobre a literatura mundial. In: SADER, E. (org.). *Contracorrente*: o melhor da New Left Review em 2000. Tradução de de Luiz Antônio Aguiar e Marisa Sobral. Rio de Janeiro: Record, 2001. p. 45-64.

NOVAK, C. H. Read around the world. *Courtney Henning Novak*, Pasadena, [2025]. Disponível em: <https://courtneyhenningnovak.com/index.php/reading-around-the-world/>. Acesso em: 12 mar. 2025.

PERRONE-MOISÉS, L. *Vira e mexe nacionalismo*: paradoxos do nacionalismo literário. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

SCHWARZ, R. *As ideias fora do lugar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1977.

SCHWARZ, R. *Um mestre na periferia do capitalismo*. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

SELIGMANN-SILVA, M. *Passagem para o outro como tarefa*: tradução, testemunho e pós-colonialidade. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2022.

SOARES, C. O elogio ao egoísmo: a redescoberta de 'Memórias Póstumas de Brás Cubas' nas redes sociais. *Brasil de Fato*, Rio de Janeiro, 24 maio 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/05/24/o-elogio-ao-egoismo-a-redescoberta-de-memorias-postumas-de-bras-cubas-nas-redes-sociais/>. Acesso em: 10 mar. 2025.

SPIVAK, G. C. *Pode o subalterno falar?*. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2021.

WOODY Allen elege 'Memórias póstumas de Brás Cubas' como um de seus livros favoritos. *O Globo*, Rio de Janeiro, 3 nov. 2011. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/woody-allen-elege-memorias-postumas-de-bras-cubas-como-um-de-seus-livros-favoritos-2773696>. Acesso em: 10 mar. 2025.

Recebido em: 05 mai. 2025.
Aprovado em: 19 mai. 2025.

CANARINOS, A. K.; PEREIRA, W. M.

Machado de Assis viralizou nos Estados Unidos: um debate sobre o Brasil outrificado

Revisor(a) de língua portuguesa: Camila de Fátima Rosa

Revisor(a) de língua inglesa: Bruna Oliveira Braz

Revisor(a) de língua espanhola: Beatriz Greci

Entretextos, Londrina, v. 25, n. 4, p. 51-67, 2025.



[Licença CC BY 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)